

Henrique Bezerra

IX Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB)  
GT 07: Práticas Pedagógicas: experimentações, teorias e metodologias para o  
ensino de sociologia na educação básica.

**É POSSÍVEL A ESCOLA ESTIMULAR O PRAZER DA LEITURA?  
UMA PONTE ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA EM BUSCA DA  
PARTICIPAÇÃO DAS JUVENTUDES NOS ENCONTROS DE  
SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.**

São Paulo/SP  
2025

## **É POSSÍVEL A ESCOLA ESTIMULAR O PRAZER DA LEITURA? UMA PONTE ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA EM BUSCA DA PARTICIPAÇÃO DAS JUVENTUDES NOS ENCONTROS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.**

Henrique Bezerra <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo enfatizar o diálogo entre a leitura literária e a leitura sociológica, buscando estimular possibilidades de análises e realizações, além de estabelecer pontes entre essas duas “irmãs siamesas”, Literatura e Sociologia, como defendido por (BAUMAN e MAZZEO, 2020). O horizonte apontado aqui tem como base (CANDIDO, 2011 e 2012) e sua afirmação da importância da Literatura tanto na formação humana, quanto como parte dos Direitos Humanos e (hooks, 2020) com seus ensinamentos que visam o desenvolvimento de um pensamento crítico, com relevo ao tema do prazer proporcionado pela leitura. A ausência de leitura e participação por parte dos jovens no Ensino Médio é aqui encarada como uma, entre tantas outras, dificuldades para a prática docente e uma relação de aprendizagem mais qualificada. Uma estratégia metodológica exposta aqui é a realização de Saraus em sala ou demais espaços reservados na Escola com, posteriormente, avaliações e comentários feitos pelos/as jovens participantes. Assim, a ênfase está na importância da leitura e no estímulo a partir do contato com livros, leituras, declamações nos Saraus para uma maior e melhor interação social. São apresentados alguns resultados preliminares de atividades realizadas, porém, que devem servir mais como uma breve contribuição ao debate sobre a necessidade de leitura, inclusive do livro didático e participação constante nos encontros de Sociologia no Ensino Médio.

**Palavras-chave:** leitura literária, leitura sociológica, Saraus, Sociologia no Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA). Professor efetivo da Rede de Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Homem de pele clara, residente na cidade de Tianguá-CE. profhenriquesociologia@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Diante de inúmeros desafios encontrados no cotidiano escolar, em especial, para as disciplinas de Ciências Humanas, urge a necessidade de discussões que busquem ultrapassar os limites impostos por linhas (que podem ser textuais), muros (que podem ser das Escolas) ou grandes (que podem ser curriculares). Tanto em relação às questões mais imediatamente visíveis nas trivialidades do dia a dia, quanto às questões mais profundas que encontram raízes no abismo de desigualdades sociais que historicamente caracteriza a realidade brasileira.

Este trabalho é situado como parte de uma Sociologia crítica e militante, a partir de uma visão dos “*de baixo*”, tal como Florestan Fernandes costumava destacar (CARDOSO, 2021). E mais, representa o esforço de uma análise com todas as agruras, prazeres, angustias e lutas a partir de dentro da Escola, mais especificamente, das salas de aula. O objetivo aqui é estimular o diálogo entre leitura literária e leitura sociológica e apresentar alguns breves apontamentos iniciais de atividade realizada em uma Escola de Tempo Integral na cidade de Tianguá, na Serra da Ibiapaba, no interior do Ceará.

São realizados alguns Saraus e rodas de conversa com o intuito de *cotidianizar* as conversas sobre livros, leituras, literaturas dentro da Escola. Como forma de tentar estimular o estranhamento, como princípio sociológico e o interesse pelos livros, inclusive, como objeto, ou seja, como suporte que proporciona diversos conhecimentos a partir de sua leitura. “Uma cultura que não valoriza o livro como artefato não valorizará a leitura” (hooks, 2020), tal afirmação é emblemática para enfatizar, inclusive, a importância do contato com os livros em todos os sentidos, não apenas o visual.

Busca-se, com esse texto, instigar reflexões que contribuam para impulsionar a participação e mobilizar as juventudes através de sentidos encontrados no contato direto com livros para livres compartilhamentos e leituras através de Saraus e rodas de conversa. Assim, defender a perspectiva da Escola poder ser um espaço em que a leitura seja compreendida não apenas como necessidade, mas também, como prazer.

## METODOLOGIA

A atividade sugerida foi praticada em 4 horários (carga horária de uma semana) do componente curricular denominado Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS),

que consta no desenho curricular das Escolas em Tempo Integral. Aqui deve ser ressaltada a impossibilidade de ser realizado em horários destinados à disciplina de Sociologia, tendo em vista que essa conta com apenas um horário semanal em cada turma, inviabilizando qualquer trabalho que exija mais tempo para organização e execução.

Foi denominada: Sarau Surpresa. Livros, em geral, de poemas, tanto do acervo da Biblioteca da Escola, quanto de acervo pessoal, foram disponibilizados em uma mesa ao centro de uma sala onde os/as jovens se encontravam em círculo. Foi dado um tempo, em média o horário de uma aula (50 minutos), para eles e elas ficarem à vontade com os livros, passearem pelo círculo, conversarem com demais colegas, mostrarem os poemas que escolheram, trocaram os livros que estavam em mãos, interagirem. Alguns/mas, inclusive, pediram para tirar fotos dos poemas. Assim foi feito até a orientação de início de nosso Sarau (muitos nunca tinham escutado essa palavra), foi surpresa para que não se “preparassem” previamente e pudessem aproveitar a magia da poesia assim “no susto”.

Importante ressaltar que as atividades relacionadas à Saraus, ocorreram tendo como maior referência o Sarau da COOPERIFA<sup>2</sup>, com características semelhantes àquelas que fazem parte de sua estética e didática, por compreender a eficiência pedagógica da ação e correspondências originais, pois, “periferia é periferia (em qualquer lugar)”, como disse Racionais MCs, no álbum “Sobrevivendo no inferno”, em 1997 (RACIONAIS MCS, 2018), vale lembrar que trata-se de uma atividade realizada a partir do dia a dia em uma Escola Pública de periferia. No próximo tópico essa questão será desenvolvida.

Posteriormente, nos dois horários seguintes, em um outro dia da semana, foi entregue para cada participante um pequeno pedaço de papel (6 por folha A4) e solicitado que, de um lado, escrevessem a classificação anotada na lousa: MUITO BOM, BOM, NORMAL, INSATISFATÓRIO e RUIM. E no verso da folha, foi solicitado que escrevessem uma nota de 0 a 10 para a atividade e uma breve justificativa para aquela nota, tudo de forma anônima.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Constatar que, em geral, brasileiros e brasileiras têm lido pouco, não é difícil. Como aponta a importante pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que teve sua 6ª edição publicada

---

<sup>2</sup> Ver VAZ (2008).

em 2024, organizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL)<sup>3</sup>, inclusive, com a Escola sendo destacada como um lugar em que os jovens tem lido menos comparando com as pesquisas anteriores. Este fato é sentido cotidianamente dentro do ambiente escolar. E estratégias precisam ser pensadas e praticadas para intervir nesse quadro desfavorável. Como trabalhar conceitos da Sociologia, com jovens que chegam no Ensino Médio, especialmente em um contexto pós-pandêmico, com um alto déficit em interpretação textual simples e, parte significativa, que repete o jargão “*eu não gosto de ler*”? É desafiador. Para isso, a interdisciplinaridade continua sendo uma das principais chaves.

No diálogo entre Bauman e Mazzeo (2020), publicado com o sugestivo título de: “O elogio da Literatura”, os autores enfatizam que Literatura e Sociologia são “irmãs siamesas”, que “por compartilharem seus órgãos de alimentação e digestão, são cirurgicamente inseparáveis” dessa forma, “cooperam ao esboçar os horizontes cognitivos uma da outra e ajudar a corrigir as confusões e os descuidos ocasionais uma da outra”, deste modo, “é precisamente a sua *diferença* que lhes dá uma chance de vitória sob o signo da *complementaridade*” (BAUMAN e MAZZEO, 2020; p. 24, 10 e 12). Assim, as pistas para o entendimento das relações mais amplas e profundas que envolvem essas discussões sobre livros, leituras, Escola e o suposto desinteresse por elas, ganha mais elementos para serem analisados a partir do olhar da Sociologia

Em sintonia com Antonio Candido (2011 e 2012), a literatura possui uma função humanizadora, ou seja, a capacidade de confirmar a humanidade do homem, além de ser um Direito. Segundo Candido, a literatura “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (2012; p. 85). Os apelos às competências socioemocionais, tão em voga em nossos dias, podem ser verificados e debatidos com o apoio e a fruição da literatura, que pode formar, porém, nem sempre de acordo com o que pressupõem os interesses dos grupos dominantes (2012; p. 84). E ao compreender a literatura como um direito, “quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra” (CANDIDO, 2011; p. 172).

---

<sup>3</sup> Ver Instituto Pró-Livro (IPL), pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 6ª Edição (2024), em [https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_2024\\_13-11\\_SITE.pdf?\\_bhlid=3568977457c1a7751b94cf99491475ea333dd391](https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf?_bhlid=3568977457c1a7751b94cf99491475ea333dd391). Acessado em: 30/03/2025.

Em seus ensinamentos de sabedoria prática, visando a construção de pensamento crítico, bell hooks<sup>4</sup> (2020 e 2017) com sua “pedagogia engajada” e “transgressora”, enfatiza que “o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo” (2017, p. 18). A autora traz uma impactante contribuição para esse debate com ênfase na importância de que mais pessoas entendam a leitura como poder e prazer. Ao mencionar seu pai, bell hooks afirma: “ele acreditava que, se as pessoas negras quisessem ter uma vida melhor, teríamos que lutar para conquistar direitos civis e nos educar”. E complementa: “como vários de seus contemporâneos, ele acreditava que aprender a ler e a ter pensamento crítico sobre o mundo em que vivemos era mais importante que uma formação superior, que diplomas”. Ao relacionar o encarceramento em massa de homens negros e a privação ao direito da leitura, destaca: “o fato de qualquer pessoa desejar negar acesso à alfabetização em nosso país ameaça o futuro da democracia” (hooks, 2020; p. 198 e 203). E conclui

“Ler permite a todo cidadão desta nação e do mundo assumir responsabilidade cívica [...]. Professores em todos os contextos de educação são os indivíduos que carregam a maior responsabilidade ética e política em promover o poder da leitura. Porque, em contraste com outros cidadãos, uma das características de nosso trabalho é promover o aprendizado. [...] Estudantes que não têm habilidade básica de leitura não conseguem aprender em sua capacidade total. O mesmo ocorre com estudantes com ótima habilidade de leitura, mas que se acostumaram a desvalorizar o ato de ler. Se cada vez mais estudantes enxergarem o aprendizado somente como meio de conquistar sucesso econômico, se eles não perceberem a conexão direta e imediata entre a leitura e seus objetivos profissionais, o poder e o prazer da leitura talvez lhes pareçam totalmente desimportantes” (hooks, 2020; p. 203-204).

A relação entre a importância da leitura e a necessidade deste ato ser encarado “sob o ângulo da luta política” (FREIRE, 2021; p. 30) está presente no percurso das contribuições freirianas e ocupa um lugar central. Enfatiza a “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita”. Complementa ao dizer que:

“a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2021; p. 35-36).

A leitura do mundo ou o que Paulo Freire chamou de “Palavramundo” (FREIRE, 2021; p. 43) aparece como uma luz para uma das principais formas de difusão das literaturas e da bibliodiversidade nas periferias na contemporaneidade: os Saraus. Aliados aos trabalhos de

---

<sup>4</sup> “Ela adotou o nome pelo qual é conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks, e faz questão de afirmar que bell hooks deve ser escrito em letra minúscula mesmo, representando se desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa” (SILVEIRA, 2021; pág. 96).



pequenas editoras, também chamadas editoras independentes, ao hip hop com suas *posses* e diversas ações educativas, têm aparecido como destacados espaços destinados às palavras poéticas. A antropóloga Érica Peçanha do Nascimento é referência nos estudos sobre literatura marginal/periférica contemporânea, no livro “Vozes marginais na literatura” (NASCIMENTO, 2009) traz uma exposição etnográfica sobre esse segmento, com destaque para “as conexões extraliterárias mobilizadas para a ação coletiva dos escritores”.

Se em outros tempos, os Saraus eram festas aristocráticas, cheias de formalidades, na contemporaneidade foram ressignificados. Para isso, as “edições especiais Literatura Marginal” da Revista Caros Amigos, organizadas por Ferrez, nos anos de 2001, 2002 e 2004 (NASCIMENTO, 2009), aliadas com as movimentações que começavam a ganhar corpo também em 2001 com a COOPERIFA (VAZ, 2008), contribuíram decisivamente para essa “virada de chave”. A partir daí, uma frutífera experiência pedagógica começa a inspirar pessoas interessadas em poesia pelas mais diversas periferias do país.

Nos espaços desses Saraus, tudo é pensado para estimular a participação, a curiosidade e o desejo de retornar. Por exemplo, tanto o silêncio no momento da declamação, quanto o barulho no momento dos aplausos, “se vão recitar, serão aplaudidos e não se avaliará o rigor estético de sua declamação”, isso afeta diretamente a autoestima dos/as participantes que, muitas vezes, estão sendo aplaudidos/as pela primeira vez. Sérgio Vaz, em entrevista (TENNINA, 2017; p. 49), diz “este é um projeto que visa a levar *autoestima* e *cidadania* à comunidade através da literatura.”. Sendo assim, por que não levar “essa pedagogia”, com os seus “elementos-guia” para dentro da Escola?

Ainda com Tennina:

“[...] a palavra literária é considerada, segundo essa lógica, um mediador no processo de constituição de um ‘cidadão’ na medida em que pode possibilitar uma série de garantias e experiências sociais (a educação e o acesso à leitura, por exemplo) que contribuem para a redução das desigualdades sociais”. (TENNINA, 2017; p. 50).

Os Saraus são festas onde a protagonista é a palavra poética. E como uma boa festa, cabem muitas atrações além das declamações. Lançamentos de livros, bate papo com autoras/es, rodas de conversa/leituras compartilhadas, músicas, entre tantas outras possibilidades. A mediação de leitura é mais uma protagonista nessa celebração, com a *transmissão vocal*, que tem como objetivo tornar público os mais diversos textos, fazendo com que todos/as possam usufruir do prazer da literatura mesmo que não seja o/a leitor/a no momento. Embora voltado mais para crianças, Bajard (2014) sistematiza esse momento que pode acontecer em uma roda de leitura/conversa também com jovens e adultos...



“Por aparecerem de maneira regular na transmissão vocal dos mediadores, quatro componentes foram considerados estruturantes: a extração do texto pelos olhos, a emissão vocal, o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público. Na medida em que os demais componentes não apareciam com a mesma frequência, foram considerados conjunturais. Chamamos esses quatro componentes de ‘gestos’ da transmissão vocal. É interessante destacar que dois remetem à língua – extração e emissão vocal – e outros dois – olhar e exposição – a linguagens corporais” (BAJARD, 2014; p. 53).

As experiências dos Saraus, devidamente adaptadas à realidade escolar, inclusive, com rodas de conversa, podem ser inspiração e base para o estímulo ao contato com livros, leituras e demais características que orbitam o universo literário. Para além das obrigações curriculares, prioritariamente, na dimensão do prazer e compreensão do poder que esse hábito pode gerar. “Saber ler é uma riqueza, saber escrever é um poder”. E as Escolas Públicas precisam estar integradas às suas comunidades, caso tenham realmente o interesse de cumprirem esse papel de instituição que forma para a cidadania, no combate às disparidades no acesso à cultura letrada. Cabe à sociedade (como um todo) reduzir essa herança desigual (BAJARD, 2014).

Ao referir-se a Paulo Freire e “a escola feita de gente”, Pereira (2022) relata que: “ele [Freire] gostava da escola e a respeitava como um espaço de formação humana indispensável à formação cidadã, com a devida capacidade crítica” (p. 43). Portanto, escola deve ser um espaço potente, de imaginação, socialização e novas relações que tenham força para romper laços históricos de desigualdades. Ainda nesse diálogo entre Pereira e Freire, afirma o primeiro sobre o segundo: “a problematização do autor [Freire] é a respeito de um certo tipo de escola, de um modelo escolar sem sentido para quem aprende e para quem ensina, portanto, opressor, inibidor da curiosidade e da imaginação” (PEREIRA, 2022; p. 43). Para romper com esse parâmetro tradicional (e, em larga medida, ultrapassado) de Escola, é preciso coragem, ousadia, tempo para refletir sobre como fazer diferente e assim desnaturalizarmos esse modelo.

Como princípios epistemológicos, estranhamento e desnaturalização são fundamentais para o desenvolvimento de conhecimento científico com base nas Ciências Sociais. Mas, “qual é a Sociologia escolar que queremos?”, em acordo com a resposta de Bodart (2018): “desejamos aquela que promova nos alunos o desenvolvimento do estranhamento, da desnaturalização e uma compreensão mínima das relações sociais, ou seja, o desenvolvimento de uma percepção relacional dos fenômenos sociais” (p. 14). Ou seja, como exposto no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC, 2021), “o objetivo do ensino de Sociologia não é o de formar sociólogos, mas permitir que o aluno tenha contato com conceitos e teorias que permitam uma compreensão mais racional da realidade, possibilitando que ele se situe enquanto indivíduo”. Essa mediação pedagógica exige o desenvolvimento de “estratégias que possibilitem adaptar



os conteúdos ao nível intelectual e cognitivo do corpo discente, constituído, em sua maioria, de jovens” (CEARÁ, 2021; p. 258). O documento prossegue com as orientações:

Elaborar esta mediação pedagógica parece uma tarefa simples, entretanto, exige sensibilidade, perspicácia e um bom domínio das teorias sociológicas, bem como alguma experiência de sala de aula. O exercício da leitura, da interpretação, da reflexão e do debate deve se constituir no processo inicial do aprendizado de Sociologia, além do estímulo à produção de textos dissertativos sobre os temas e problemas depurados através do estudo e da discussão. Um desafio importante para o professor reside em propor tarefas que não exijam apenas o recurso intelectual da memória, sob pena de condenar a disciplina ao estigma de “matéria decorativa”, usualmente atribuído às disciplinas da área de ciências humanas. (CEARÁ, 2021; p. 258).

Em semelhante linha analítica, Bodart (2024) sistematiza a partir de duas grandes etapas no desenvolvimento da aprendizagem: a Alfabetização sociológica e o Letramento sociológico. Por Alfabetização sociológica, entende o autor: “aquisição do aparato teórico-conceitual das Ciências Sociais. Essa alfabetização é importante para que seus estudantes desenvolvam uma maior capacidade de abstração e uma comunicação mais rigorosa na troca de significados” (p. 68). E por Letramento sociológico: “competência de mobilizar conceitos, noções, categorias, teorias metodologias das Ciências Sociais com um grau de autonomia, permitindo a comunicação articulada e a explicação fluente de fenômenos sociais concretos” (BODART, 2024; p. 71). Assim, embora o objetivo principal do ensino de Sociologia no Ensino Médio não seja formar jovens cientistas sociais, a compreensão de conceitos básicos é fundamental, para que possam contribuir para a análise criteriosa e de forma coerente dos fenômenos sociais e no desenvolvimento do pensamento crítico.

Portanto, nessa relação permanente de texto e contexto, leituras literárias em um ambiente propício à cultura dos livros e leituras, tendem a favorecer interações complementares e verdadeiramente interdisciplinares. Enquanto as disciplinas ficarem fechadas em suas respectivas áreas, professores/as pouco dialogarem com o intuito de projetos que visem uma Educação Integral (muito diferente do que tem sido colocado em prática com o modelo de Escolas em Tempo Integral), a obsolescência programada das Escolas Públicas tenderá a antecipar uma tragédia anunciada. Escolas, inclusive as de Ensino Médio, devem estimular o universo literário de forma que os livros jamais sejam vistos como fardos ou punições.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Havia o intuito de após as avaliações escritas nas folhas que foram distribuídas, fazermos uma nova roda de conversa para dialogarmos agora sobre as avaliações, quais impressões tiveram, o que pode ser feito para melhorar e tornar mais atrativa a atividade, quais



livros/poemas mais gostaram etc. Porém, devido ao cronograma e as “surpresas” da vida escolar, não foi possível realizar esse outro momento, embora, por alguns comentários escritos nas folhas, essa conversa poderia resultar em outras boas ações ou aperfeiçoamentos dessa. Algumas justificativas anotadas nas folhas, foram:

- “Normal. Nota 5,0 - Não achei nem bom nem ruim”;
- “Muito bom. Nota 10,0 – Porque todos participaram e não foram obrigados a ler”;
- “Muito bom. Nota 10,0 – Eu gostei. Achei *da hora*. Achei bom *pq* eu não li”;
- “Muito bom. Nota 10,0 – Porque a aula foi bem diferenciada. Tinham livros incríveis para ler”;
- “Muito bom. Nota 10,0 – Achei bom (mas nem sempre eu quero ler)”;
- “Muito bom. Nota 10,0 – A sala participou e foi um momento muito bom”;
- “Muito bom. Nota 10,0 – Achei muito interessante, espero que tenha mais vezes”.

Assim, essa atividade foi realizada em três turmas de Primeiros Anos (A, B e C). E apresenta o seguinte resultado:

- 1ª A - MUITO BOM (11), BOM (6), NORMAL (3), INSATISFATÓRIO (0) RUIM (1).  
Total = 21 jovens.
- 1º B – MUITO BOM (18), BOM (3), NORMAL (5), INSATISFATÓRIO (0) RUIM (1). Total = 27 jovens.
- 1º C - MUITO BOM (14), BOM (3), NORMAL (1), INSATISFATÓRIO (0) RUIM (0).  
Total = 18 jovens.

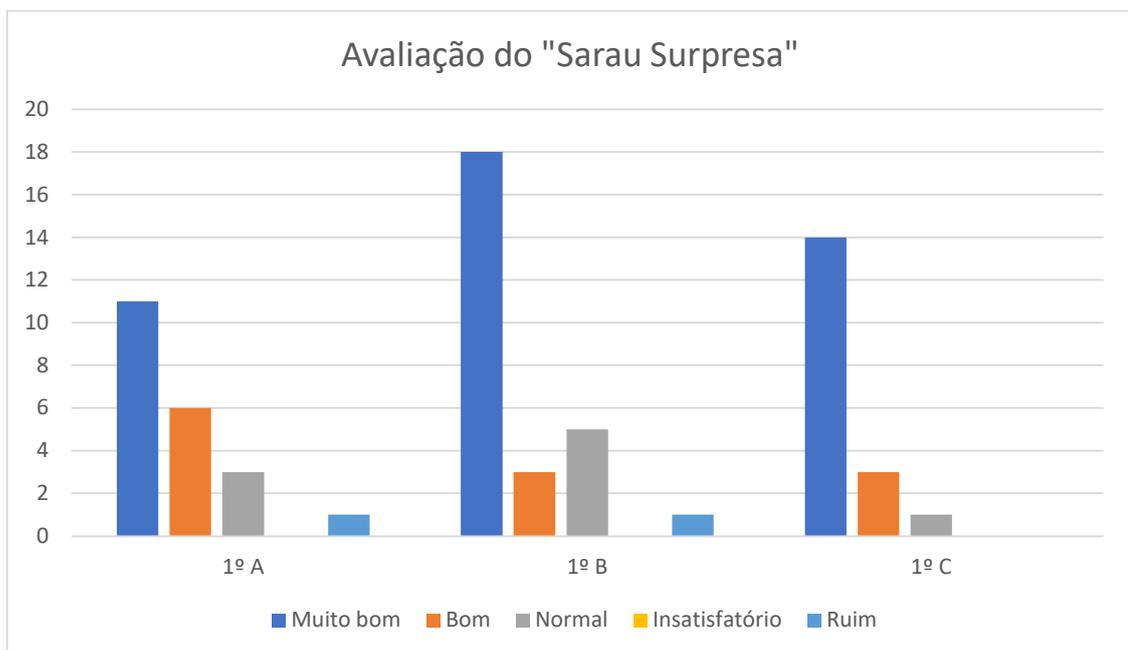


Gráfico elaborado pelo autor.



Após essas linhas que objetivam instigar discussões acerca da urgência dos debates sobre a imprescindibilidade da leitura nas Escolas, com ênfase na construção de pontes entre as leituras literárias e as leituras sociológicas, a conclusão tem o caráter de continuidade. Pois, trata-se de uma questão impossível de ser esgotada, especialmente em tão poucas laudas. E mesmo que possa parecer a defesa de uma questão óbvia, é necessário reafirmar que esta produção está sendo gestada no corpo da própria sala de aula, aí reside sua principal razão de ser e continuar.

As angústias que motivaram (e motivam) a busca por novas metodologias e a produção deste trabalho, permanecem. Principalmente para responder a pergunta-título deste trabalho. Cobranças excessivas, metas, ausência de autonomia escolar, burocracias das mais diversas ordens, adoecimentos, violências, falta de estrutura apropriada são apenas algumas das dificuldades que precisamos enfrentar cotidianamente. Ainda assim, professoras e professores estão pesquisando, buscando novas estratégias, desenvolvendo projetos, inclusive, como forma de resistência na defesa da Educação Pública, Gratuita, Laica, de Qualidade e Socialmente Referenciada. Deste modo, nossa existência dentro da Escola, com pensamento crítico e valores baseados no compromisso ético e na solidariedade de classe, já é, por si só, um ato político.

Por ocasião de inauguração da Biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o professor Antonio Candido fez uma conferência em que destacava a importância dos livros, da leitura, da imaginação e “dos perigos” do conhecimento. Ele lembra:

“no meu tempo de menino e adolescente, no interior de Minas, havia fazendeiros que não permitiam a abertura de escolas rurais em suas propriedades, porque, diziam, sabendo ler, escrever e fazer as quatro operações os empregados começariam a discutir as contas... Isso mostra que de fato saber é poder e mostra a força libertadora da instrução, que leva os detentores dos meios de produção a limitá-la frequentemente em relação aos seus dependentes, porque querem confiná-los ao universo puro do trabalho, apenas do trabalho”. (CANDIDO, 2007; P. 67).

Assim, devemos questionar se essa realidade lembrada por Candido, mudou completamente ou foi aperfeiçoada pelo discurso neoliberal. Em tempos de Escolas tão condicionadas às metas, como se fossem empresas, com tantas maquiagens para mostrar bons números nas diversas avaliações que, diversas vezes, buscam nivelar realidades desiguais, sem considerar seus contextos, suas realidades que nem sempre são explicadas pelas friezas dos números, qual o espaço para a imaginação, para a poesia, para as artes? E para a Sociologia, com sua tradição questionadora? Urge a necessidade de imaginarmos Sociologias na Educação Básica que analisem, pesquisem, debatam e, principalmente, possam apontar outros caminhos.



## REFERÊNCIAS

- BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt e MAZZEO, Riccardo. **O elogio da literatura**. Tradução Renato Aguiar – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- BODART, Cristiano. **Apresentação**. In BODART, Cristiano (Org.). **Sociologia Escolar: ensino, discussões e experiências**. – 1ª ed. – Porto Alegre: CirKula, 2018.
- \_\_\_\_\_. **O que aprender para ensinar sociologia**. – 1ª ed. – Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2024.
- CANDIDO, Antonio. **A importância da leitura**. In Literatura e formação da consciência. Cadernos de Estudos da Escola Nacional Florestan Fernandes. São Paulo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Direito à Literatura**. In CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- CARDOSO, Mirian Limoeiro. **Sobre a Sociologia crítica e militante de Florestan Fernandes**. In PIZETTA, Adelar João [et al] **Florestan Fernandes: ideias para combates**. – 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. **Documento Curricular Referencial do Ceará Ensino Médio**. SEDUC. Fortaleza (CE). 2021.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 52ª ed. – São Paulo: Cortez, 2021.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, - 2ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Coleção Tramas Urbanas. – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- PEREIRA, Thiago Igrassia. **O/A “educador/a tradicional” e o medo de Paulo Freire na escola**. In BODART, Cristiano das Neves e MARCHIORI, Cassiane da C. Ramos (Org.s). **Por que eles têm medo de Paulo Freire na escola?** Ilustrações de João Paulo Cabrera. – 1ª ed. – Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2022.



RACIONAIS MCs. **Sobrevivendo no inferno**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVEIRA, Luciana de Freitas. **Emancipação na sala de aula: o ensino das relações étnico-raciais fortalecendo estudantes e professoras(es)**. In OLIVEIRA, Amurabi [*et al*]. (Orgs) **Conquistas e Resistências do Ensino de Sociologia: ENESEB 2019**. – 1ª ed. – Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021.

TENNINA, Lucía. **Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo**. Traduzido por Ary Pimentel. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

VAZ, Sérgio. Cooperifa – Antropofagia periférica. **Coleção Tramas Urbanas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.